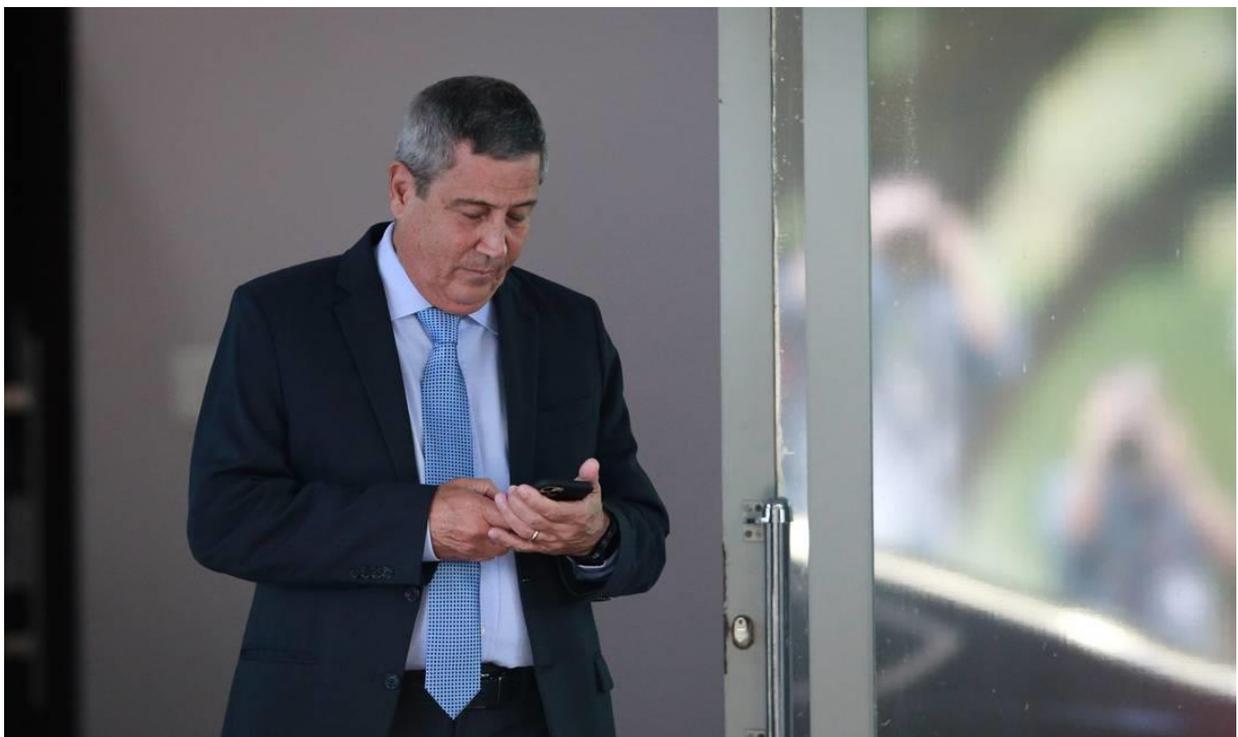


Favorito para comandar Exército, Décio Schons encontra Braga Netto, que receberá outros cotados nesta quarta-feira

Interlocutores indicam que novos nomes para o comando das Forças Armadas seguirão demarcando o limite entre governo e Estado

Jussara Soares e Natália Portinari

31/03/2021 - 04:30 / Atualizado em 31/03/2021 - 07:33



O ministro da Defesa, Braga Netto Foto: Pablo Jacob / O Globo - 08/05/2020

[Newsletters](#)

PUBLICIDADE

BRASÍLIA - Favorito para comandar o Exército, o general Décio Schons tem uma reunião marcada com o ministro da Defesa Walter Braga Netto nesta quarta-feira. Schons é chefe do Departamento de Ciência e Tecnologia do Exército.

O general quatro estrelas tem 48 anos de serviço e comandou por dois anos, de 2017 a 2019, a Escola Superior de Guerra no Rio de

Janeiro. Integra hoje o Alto Comando do Exército, requisito para comandar a instituição, segundo a lei.

Nesta quarta-feira, deve ser transferido para a reserva, medida que demora 45 dias para ter efeito. Ainda assim, pode assumir o posto de comandante, por se tratar de uma indicação política do presidente da República.

A princípio, o mais cotado era o general Marco Antônio Freire Gomes, atual Comandante Militar do Nordeste. Para ficar com o posto, no entanto, ele teria que passar à frente de generais mais antigos, o que não é bem visto entre militares, que consideram isso um desrespeito a “hierarquia e disciplina”.

Diante disso, generais mais longevos passaram a ser considerados, como Schons. Lotado em Campinas, ele se dirigiu a Brasília para a reunião nesta quarta-feira.

Outros cotados

Além de Schons, Braga Netto vai receber nesta quarta-feira outros militares cotados para o comando das três Forças Armadas. Ainda sob o impacto das saídas de Azevedo e Silva e dos comandantes de Exército, Marinha e Aeronáutica, oficiais-generais, em conversas reservadas, relataram que a troca promovida pelo presidente Jair Bolsonaro será em vão para conseguir apoio político nas Forças Armadas. Eles afirmam que a crise gerou um consenso de que,

sejam quais forem os escolhidos, as instituições serão blindadas, demarcando o limite entre governo e Estado.

A demissão do ministro da Defesa, Fernando Azevedo e Silva, foi considerada por integrantes do Alto Comando do Exército uma “desconsideração” do presidente, principalmente porque não havia um motivo para a substituição, senão uma questão pessoal direcionada ao comandante do Exército, Edson Leal Pujol. O governo nega que as alterações busquem um alinhamento ao presidente.

Um general da ativa, reservadamente, disse que militares não esperavam que o método de fritura usado por Bolsonaro para dispensar membros governo fosse aplicado também ao comando da Força. O presidente diversas vezes pediu a demissão de Pujol, que sempre tentou se distanciar dos vínculos com o governo.

Em novembro do ano passado, o então comandante do Exército disse que “militares não querem fazer parte da política”, delimitando que o Exército é uma instituição de Estado e não de governo. Diante da tensão, o ministro da Defesa atuava para blindar o general e também acabou demitido por se colocar no caminho do presidente.

Consenso entre militares

Entre oficiais-generais que se reuniram ao longo de segunda e terça-feira, o consenso é que as “Forças Armadas não vão produzir crise” e reforçam que nada mudará na postura das instituições, que se manterão distante do envolvimento político. Oficiais evitam, no entanto, polemizar com a expressão “meu Exército” utilizado por Bolsonaro nas últimas semanas e dizem se tratar não de uma ameaça velada, mas um “carinho” de um militar da reserva.

— Alguns querem que eu decreto lockdown. Não vou decretar. E pode ter certeza de uma coisa: o meu Exército não vai para a rua para obrigar o povo a ficar em casa. O meu Exército, que é o Exército de vocês. Fiquem tranquilos no tocante a isso daí. Agora, vamos ver até onde o Brasil aguenta esse estado de coisas. Eu quero paz, tranquilidade, democracia, respeito às instituições. Mas alguns estão se excedendo — disse Bolsonaro a apoiadores, na saída do Palácio da Alvorada, no dia 8 de março.

Nos últimos meses, Bolsonaro pressionou Azevedo para substituir Pujol, mas ouviu dele que não havia ninguém com o mesmo nível de antiguidade, experiência e qualificação para colocar em seu lugar. Por isso, agora, a perspectiva de escolha de um comandante do Exército que não está entre os mais experientes, como é o caso de Freire Gomes, é vista com maus olhos.

Na Marinha, deve assumir o Almirante Almir Garnier, hoje Secretário-Geral do Ministério da Defesa. No Alto Comando da Aeronáutica, há dez tenentes-brigadeiros. Entre eles, três são

cotados para o comando, devido à antiguidade na carreira: Jeferson Domingues de Freitas, Carlos de Almeida Baptista Junior e Marcelo Kanitz Damasceno. Bolsonaro pode escolher qualquer integrante do Alto Comando, segundo a lei, mas a tradição é optar entre os que estão na Aeronáutica há mais tempo.

Único integrantes do governo a se manifestar sobre as mudanças, o ministro das Comunicações, Fábio Faria, disse, em entrevista à CNN, que “nada muda” nas Forças Armadas.

— O ministro Braga Netto disse que nada muda nas Forças. Pelo contrário, as Forças têm um papel dentro da Constituição de hierarquia, disciplina e manter a paz - disse Faria, que negou que tenham ocorrido desentendimentos durante a reunião entre o novo ministro e os comandantes das Forças.